

---

## TRADIÇÕES RURAIS EM VIDAS URBANAS: A AGRICULTURA URBANA NO BAIRRO VILA ANÁLIA, MONTES CLAROS/MG

Igor Martins de Oliveira<sup>34</sup>  
Marina de Fátima Brandão Carneiro\*\*

**Resumo:** Este trabalho aborda a relação rural/urbano presente no bairro Vila Anália, na cidade de Montes Claros, através da Agricultura Urbana - AU. Tem como principal objetivo compreender a prática da agricultura urbana desenvolvida no cotidiano dos moradores do bairro Vila Anália. Entende que a agricultura urbana praticada pelos moradores do bairro, em sua grande maioria oriunda da área rural, é um exemplo do *continuum* rural/urbano. A AU desenvolvida no bairro é de caráter multifuncional, apresentando diferentes tipologias de áreas, produtos e finalidades. A metodologia baseou-se numa ampla revisão bibliográfica, de artigos e de documentos eletrônicos; na produção de materiais iconográficos e trabalhos de campo no bairro Vila Anália com a aplicação de questionários semi-estruturados. O trabalho de campo, bem como a análise dos dados possibilitaram a elaboração de gráfico e mapas que mostram as formas de espacialização da AU no bairro e o perfil dos agricultores urbanos e de suas respectivas produções. A partir deste trabalho conclui-se que as relações sociais no bairro Vila Anália tem forte ligação com a cultura de origem rural dos agricultores urbanos. A AU influencia diretamente na qualidade de vida, por ser uma alternativa de complementação de renda, fonte de alimentação e alternativa para a preservação da cultura rural no cotidiano urbano.

**Palavras-chave:** Agricultura Urbana. Relação rural/urbano. *Continuum* rural/urbano.  
Bairro Vila Anália. Montes Claros.

### TRADICIONES RURAIS EN VIDAS URBANAS: LA AGRICULTURA URBANA EN LO BARRIO VILA ANÁLIA, MONTES CLAROS, MG

**Resumen:** Este trabajo aborda la relacion rural/urbano presentes en lo barrio Vila Anália, en la urb de Montes Claros, MG, atraves de la Agricultura Urbana. Tem como principal objetivo deste trabajo es comprender la práctica de la Agricultura Urbana desenvolvida en lo coitidiano de los moradores del barrio Vila Anália. Entiende que la agricultura urbana practicada por los moradores del barrio, en su gran maioria, oriundos de la área rural es un exemplo del *continuum* rural/urbano. La AU desenvolvida en lo barrio es de caráter multifuncional apresentando diferentes tipologías de áreas, productos y finalidades. La metodologia se basou, primeramente, en uma amplia revision bibliográfica, de artigos y de documentos eletrônicos, en la producción de materiales iconográficos y trabajos de campo en lo barrio Vila Anália con La aplicación de cuestionário semi-estruturado. El trabajo de campo bien con da analise de los dados possibilitó

<sup>34</sup> Licenciado em Geografia Pela Universidade Estadual de Montes Claros- Unimontes. Aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social. E-mail: igormogeo@gmail.com.br

\*\* Professora pesquisadora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes. E-mail: marina.carneiro@unimontes.br

la elaboracion de gráficos y mapas que muestran la espacializacion de la AU en lo barrio, bien como lo perfil de los agricultores urbanos y de SUS respectivas producciones. La partir deste trabajo se conclui que las relaciones sociales del barrio Vila Anália tiene fuerte ligacion con la cultura de origen rural de los agricultores urbanos. La AU influencia directamente en la calidad de vida, por ser una alternativa de complementación de renda, fuente de alimentacion y alternativa para la preservación de la cultura rural en lo cotidiano urbano.

**Palabras clave:** Agricultura Urbana. Relación rural/urbano. *Continuum* rural/urbano. Barrio Vila Anália. Montes Claros.

### **Considerações iniciais**

Em meio ao grande crescimento urbano, as cidades encontram-se, atualmente, envolvidas em um grande desafio: como e onde produzir alimentos para o grande contingente populacional que nelas habitam, levando em consideração que grande parte da população urbana é pobre ou até mesmo vive abaixo da linha da pobreza. Diante disto, este trabalho tem como tema a Agricultura Urbana no bairro Vila Anália, na cidade de Montes Claros, MG. Compreender a prática da Agricultura Urbana desenvolvida no cotidiano dos moradores do bairro Vila Anália tornou-se o objetivo geral deste trabalho e tem como objetivos específicos: verificar a relação rural/ urbano na prática da Agricultura Urbana exercida pelos moradores do bairro Vila Anália; identificar os tipos de cultivos mais presentes no bairro e verificar a espacialização das áreas destinadas à prática da Agricultura Urbana.

No cerne das discussões, a Agricultura Urbana ganha grande destaque devido sua eficiência na tentativa de minimizar a situação de pobreza, fome, de insegurança alimentar e nutricional e de abastecimento de alimentos para os cidadãos. A Agricultura Urbana interage e se integra com o ambiente urbano, tendo a possibilidade de ser praticada em diversas escalas como em quintais, lotes vagos, em creches, escolas, áreas públicas e privadas (principalmente nas periferias das cidades), entre outras.

Desta forma, pode ser desenvolvida pelos próprios cidadãos e toda a produção pode ser revestida para a melhoria da segurança alimentar dos agricultores e da população urbana de modo geral. Paralelo a isso, se pode atribuir a Agricultura Urbana como uma alternativa utilizada pela população migrante de áreas rurais e de pequenas cidades que vivem na cidade para preservar suas respectivas culturas e tradições, seu patrimônio cultural herdado, ou seja, os saberes e hábitos que são passados de pais para filhos, como a utilização de ervas medicinais pela “medicina” popular, formas de relação com a terra, de produção, de organização social, de tipos de alimentação, dentre outros.

---

Na cidade de Montes Claros, a prática da Agricultura Urbana encontra-se pouco conhecida e disseminada no que tange às grandes produções; no entanto, as agriculturas nos fundos de quintais e lotes vagos, em pequenos canteiros, possuem grande expressividade.

Diante do exposto, torna-se importante a discussão e análise desta prática, uma vez que ela ainda é pouco conhecida pela população urbana em geral, pelos gestores públicos e, até mesmo, no âmbito acadêmico. Além de ser de fundamental importância para a sustentabilidade das/ nas cidades e dos cidadãos, uma vez que envolve a melhoria de sua estrutura física e social, da qualidade de vida, do ambiente e a preservação da cultura popular. Baseando-se nos objetivos propostos, este estudo teve procedimentos metodológicos diversos. Partindo de pesquisa/ revisão de um amplo referencial bibliográfico e documental acerca da Agricultura Urbana, bem como de análises do rural-urbano, campo-cidade e migração. Para tanto, se apoiou em livros, artigos de periódicos e disponibilizados em meios eletrônicos, em dissertações e teses de autores que abordam estas questões.

Ao finalizar a primeira etapa (pesquisa/revisão bibliográfica e documental) adotou-se como conceito de Agricultura Urbana, a ser abordado neste trabalho, a conceituação da Organização das Nações Unidas Para a Agricultura e Alimentação - FAO (1999), que considera como Agricultura Urbana “qualquer prática agrícola produzida dentro da cidade ou em torno desta, tais como hortas ou criações voltadas para a subsistência ou para o comércio de pequeno porte”. A partir da definição do conceito de AU partiu-se para a segunda etapa, que foi a realização de trabalhos de campo. Através de um primeiro trabalho de campo, realizado em dezembro de 2010, com o fim de identificar as áreas destinadas à prática da Agricultura Urbana no bairro Vila Anália. A partir destes trabalhos foi possível identificar os lotes e quintais onde a prática da Agricultura Urbana está se desenvolvendo, no bairro.

A terceira etapa seguiu-se a partir da elaboração do questionário semi-estruturado a fim de se conhecer o perfil dos agricultores urbanos, bem como compreender o desenvolvimento da agricultura no bairro. Posteriormente realizaram-se outros trabalhos de campo (quatro) para a aplicação dos questionários e a documentação fotográfica. A princípio os questionários foram aplicados junto aos agricultores previamente identificados. Contudo, percebeu-se uma rede de informações entre os próprios agricultores de forma que, os mesmos, indicavam as possíveis áreas que poderiam ser visitadas, demonstrando a relação entre vizinhos. Ao todo foram aplicados 30 questionários abrangendo pontos em toda a extensão do bairro.

Os dados obtidos formam tabulados, seguindo-se a elaboração de gráficos e quadros e a elaboração de mapas de localização do bairro e das áreas destinadas ao desenvolvimento da AU de médio porte. Para a elaboração dos mapas utilizou-se a base cartográfica do Geominas (1996) e da Imagem *Quik Bird* (2005) da área urbana de Montes Claros e os softwares Auto

Cad Map 2000 e Arc View 3.2.

### **Relação rural-urbano: *breves considerações acerca das vertentes analíticas***

Pensar o espaço geográfico de forma integrada requer novos paradigmas que viabilizem analisar as transformações deste. É através da ocupação do solo e da diversificação do trabalho que os espaços são criados, sendo o homem (e sua força de trabalho), dentro da perspectiva do sistema capitalista, o principal agente desse processo. É pela força do trabalho que o espaço rural e urbano é construído/modificado a partir da necessidade de uso e exploração destes. Contudo, o rural e o urbano não são mais vistos como espaços dicotômicos, de realidades opostas e isoladas, como demonstra Carneiro (1998) ao abordar as modificações nas relações sociais e de trabalho que acarretaram a integração da visão dos espaços rural e urbano,

O ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transforma as noções de “urbano” e “rural” em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente. Torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais (CARNEIRO, 1998.p.53).

Dessa forma, a partir da inserção da influência capitalista no meio rural, da descentralização das indústrias, acarretando suas instalações no interior, a modernização das sociedades urbana e rural gerou uma nova vertente analítica para a relação rural-urbano. Para Santos (2000, p. 02), “a visão dualista que opunha o rural ao urbano como realidades distintas e de negação uma a outra, associando o “rural” ao agrícola e ao atrasado e o “urbano” ao industrial e ao moderno foi superada”. Abramovay (2000) discute sobre a mesma temática afirmando que a partir dos anos de 1960, há uma modificação na forma de se ver o rural, a partir da elaboração da idéia de *continuum* proposto por Pahl (1966), baseado no pressuposto de que, “qualquer tentativa de ligar padrões particulares de relações sociais a um meio geográfico específico é um exercício particularmente infrutífero”.

Seguindo esta concepção Abramovay (2000. p.15) afirma que, “O *continuum* rural-urbano significa que não existem diferenças fundamentais nos modos de vida, na organização social e na cultura, determinadas por sua vinculação espacial”. Corroborando com a visão do referido autor, Rosa e Ferreira (2010, p. 194) abordam a questão rural-urbano apoiando-se na discussão referente ao *continuum* salientando que, atualmente este “tem sido utilizado para caracterizar situações em que, tanto formas de vida e de trabalho rurais quanto urbanos estariam integradas”.

---

Na dinâmica contemporânea há ampla aceitação da corrente do “*continuum* rural-urbano”, que se fundamenta na concepção de que a expansão urbana é responsável pelas modificações as quais a sociedade é submetida, refletida não somente nas cidades, mas também, na sociedade rural, aproximando-a da realidade urbana (CANDIOTTO; CORREA, 2008). Wanderley (2001) analisando a relação rural-urbano sob a ótica do *continuum*, afirma que, ainda que existam duas interpretações sobre esta questão, a “urbano-centrado”, que representa a homogeneização espacial e social de forma que o urbano ressaltaria, apontando, desta forma, o fim da realidade rural. Sobre esta interpretação Wanderley (2001, p. 32) assim se expressou:

O extremo rural do *continuum*, visto como o pólo atrasado, tenderia a reduzir-se sob a influência avassaladora do pólo urbano, desenvolvido, num movimento que Elena Sarraceno (1996) comparou ao de “vasos comunicantes, em que, quase por definição, um só – o urbano – se “enche”, enquanto o outro – o rural – só podia, conseqüentemente, esvaziar-se”.

E na relação “*continuum* rural-urbano”, para Wanderley (2001), haveria a aproximação dos dois pólos extremos, o campo e a cidade ou o rural e o urbano, considerando as semelhanças e as continuidades, mas, sem acabar com a realidade rural, preservando assim as particularidades de cada um dos pólos.

Rua (2006) ao abordar o rural como parte integrante do processo de expansão capitalista, analisa a relação rural-urbano a partir de duas vertentes analíticas denominadas de “urbanização do rural” e “urbanização no rural”. A primeira vertente corrobora as colocações de Wanderley (2001), acerca da teoria do “urbano-centrado”, uma vez que, para Rua (2006) e outros autores, apoiam-se nas formulações de Marx acerca da visão urbanocêntrica, a qual defende que o rural desaparecerá tornando-se urbano.

A “urbanização do rural” pode ser relacionada à idéia de *continuum*, em que haveria graus distintos de urbanização do território. A visão desses autores é marcada por uma certa teleologia em que, para alguns, o destino inexorável do rural é desaparecer, tornando-se urbano (RUA, 2006.p. 90).

Ratificando a teoria do “*continuum* rural-urbano”, Rua (2006) aborda a segunda vertente analítica por ele defendida, referente à “urbanização no rural”. Segundo ele, esta vertente “pleiteia a manutenção de especificidades no espaço rural, mesmo quando impactado pela força do urbano” (RUA, 2006, p. 91).

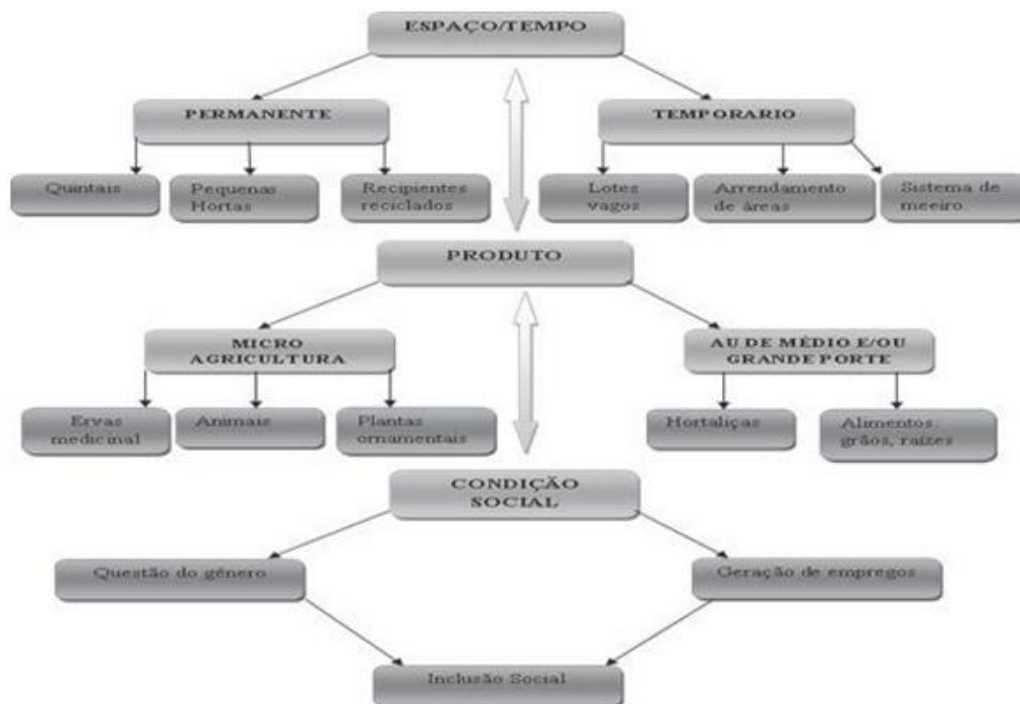
### **Agricultura urbana: conceitos, definições e importância**

Os conceitos nada mais são que ferramentas mentais que criamos para compreender, interagir com o mundo (MOUGEOT, 2000). No que tange à conceituação/definição da Agricultura Urbana - AU há uma unanimidade entre os autores que discutem esta temática, para eles o cerne da definição do que é a AU está em sua localização. Assim, a compreensão da Agricultura Urbana – AU associa-se com a da Agricultura Rural - AR, com a diferença do tipo de área na qual será desenvolvida.

A. Machado e C. Machado (2002) analisam a Agricultura Urbana baseando-se no critério localização, afirmando que as definições da AU variam das áreas dentro ou em torno das cidades. Para eles, na área intra-urbana é constituída por todos os espaços ociosos das cidades que poderão ser ocupados por algum tipo de atividade agrícola. Neste sentido, as vias públicas, praças e parques, lotes e terrenos baldios enquadram a classificação das áreas de abrangência da Agricultura Urbana.

No trabalho de Santandreu e Lovo (2007), referente às diretrizes políticas para promoção da Agricultura Urbana nas regiões metropolitanas do Brasil, traz uma conceituação ampla da AU, utilizada, também, pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome - MDS (2008), que percebem a Agricultura Urbana como um termo de caráter multidimensional, pois engloba práticas de produção, transformação, de prestação de serviços e multifuncionais. Haja vista esta ser capaz de criar espaços produtivos e ecológicos que respeitam a diversidade racial, social e cultural, enriquecendo/preservando costumes e tradições e combatendo a fome, a pobreza e a insegurança alimentar (SANTANDREU; LOVO, 2007).

No trabalho de Aquino e Assis (2007) pode-se ter uma visão mais detalhada acerca da variedade de produtos oriundos da Agricultura Urbana. Para os autores o sistema agrícola urbano envolve diferentes atividades incluindo desde a horticultura e produção de cereais como milho e feijão à produção/criação de animais como aves, abelhas, peixes, entre outros. Zeeuw; Gündel e Waibel (2000) analisam a integração da Agricultura nas Políticas Urbanas, relacionando-a ao espaço/tempo, produto e condição social. A partir das colocações destes autores podem-se sistematizar as tipologias a AU da seguinte maneira:



**Organograma:** Baseado em Zeeuw; Gündel, Waibel (2000) e autores variados org.: OLIVEIRA, I. M. de, 2011.

A capacidade de fácil adaptação exercida pela Agricultura Urbana, em se integrar ao ecossistema urbano, dá a esta prática grande aplicabilidade nas cidades. Além de influenciar diretamente na qualidade física das áreas urbanas, através da formação de áreas verdes (BOUKHARAEVA et al., 2005), bem como utilizando os espaços/lotes vagos, em muitos casos, utilizados como depósitos de lixo e entulho. Neste sentido, A. Machado e C. Machado (2002) discutem a utilização dos lotes vagos para a prática da Agricultura Urbana como forma de diminuir a proliferação de insetos, roedores e animais peçonhentos, afirmando que,

Geralmente, boa parte de quintais domésticos e terrenos baldios são destinados ao acúmulo de lixo e entulho. A limpeza dessas áreas e sua utilização para plantio e outras formas de produção proporcionam melhoria considerável ao ambiente local, diminuindo a proliferação de vetores das principais doenças, como roedores e insetos (A. MACHADO; C. MACHADO, 2002. p. 10).

De todas as funções referentes à implantação e desenvolvimento da AU, a segurança alimentar e nutricional é a mais discutida e sistematizada. Isso se dá devido aos problemas enfrentados pela sociedade contemporânea, em decorrência do agravamento das crises sociais, políticas

e econômicas, refletidas, sobretudo, no que se refere ao acesso da população a alimentos que possam suprir suas carências nutricionais. Drescher; Jacobi; Amend (2000) discutem acerca da utilização da Agricultura Urbana como alternativa para viabilizar a segurança alimentar. Para estes autores (2000, p. 1-2), o conceito de SAN está vinculado a três condicionantes: a disponibilidade de alimentos, o acesso dos alimentos (este está diretamente relacionado ao poder aquisitivo da população) e a qualidade dos alimentos, todos estes condicionantes encontram-se forte ligação com a prática da AU, por envolver sistema agroecológico. Ainda, de acordo com estes autores, o desenvolvimento da Agricultura Urbana, nada mais é que uma resposta dos pobres urbanos ao acesso inadequado ao alimento, que se dá através, ora pela falta de disponibilidade, ora pela falta de poder aquisitivo e pela falta ou reduzidas oportunidades formais de emprego, devido, sobretudo, à desterritorialização da economia dos países. Segundo eles,

As crises econômicas ou alimentares não são, certamente, o único fator a impulsionar o ressurgimento da AU. Existem numerosas cidades onde a agricultura urbana se desenvolveu sem que fosse necessário passar por um período de crise (ou mesmo onde a crise – para certas categorias da população - já é parte intrínseca do sistema urbano) (DRESCHER; JACOBI; AMEND 2000, p. 02).

Zeeuw; Gündel; Waibel (2000) ao escreverem sobre a segurança alimentar urbana afirmam que as análises e tendências relacionadas à questão da alimentação revelam que, para se atingir a Segurança Alimentar dos pobres urbanos, não se pode contar apenas com a produção de alimentos das áreas rurais. Para os autores é necessário que as cidades desenvolvam planos que viabilizem a produção de alimentos em sua área urbana e periurbana, que se torne mais independente, desviando-se do modelo de “supermercado”, que para eles é altamente capitalizada, além do uso intensivo de energia e agrotóxicos. Para Drescher; Jacobi; Amend (2000), a agricultura urbana complementa a agricultura rural e aumenta a eficiência na provisão de alimentos, haja vista que essa pode fornecer alimentos frescos, de boa qualidade nutricional sem, contudo, requerer grandes gastos com produção, armazenamento, embalagens e transportes, o que favorece a queda dos preços e concomitantemente o acesso da população.

Nos dias atuais, reconhecer a Agricultura Urbana como uma prática que viabiliza a Segurança Alimentar e Nutricional, é um dos grandes desafios da sociedade mundial, considerando o crescente número de população vivendo em situação de fome, desnutrição e pobreza. Contudo, governo de diferentes países vem apoiando a implantação/desenvolvimento da AU como forma de minimizar os problemas alimentares e nutricionais da população.

No Brasil, com a necessidade de alcançar a SAN, a Agricultura Urbana vem gradativamente integrando as pautas das discussões através de projetos governamentais, sobretudo, no âmbito



---

do Programa Fome Zero e da criação do Ministério de Segurança Alimentar (ARRUDA, 2006). Em janeiro de 2004 foi criado o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome - MDS, integrando as ações do Ministério de Assistência Social, do Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate a Fome e da Secretaria do Bolsa Família. O MDS teve como prioridade universalizar os direitos humanos, contando com o apoio de outros ministérios, as três esferas do governo (federal, estadual e municipal), iniciativa privada, sociedade civil organizada e eclesial (BRASIL, 2004). A expressão máxima do MDS se dá através da implantação e desenvolvimento do Programa Fome Zero, que tem como objetivo promover a segurança alimentar e nutricional a todos os brasileiros. Suas políticas estruturais são voltadas para combater a fome e a pobreza, buscando o desenvolvimento local, bem como garantir fontes de renda e emprego (BRASIL, 2004).

### **Agricultura urbana e a cidade de Montes Claros**

Em Montes Claros as paisagens e hábitos rurais não se limitam às áreas periféricas e/ou nos limites do perímetro urbano, adentram pela cidade integrando o ecossistema urbano através do grande número de áreas vagas, de espaços ociosos, lotes, terrenos baldios, mas, sobretudo, nos quintais das residências fazendo parte do cotidiano de uma grande porcentagem dos cidadãos. É nítido a (re)criação de espaços pelos agricultores urbanos de Montes Claros, que reproduzem no seu espaço intraurbano os hábitos, costumes e tradições oriundos do campo, criando um cenário de resistência, sobretudo, da população migrante, que impulsionados pelas mudanças estruturais no meio rural e na cidade com a inserção da região na área de influência da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE.

Desta forma, a cidade de Montes Claros passa, a partir da década de 1970, por modificações em sua organização espacial e amplia as suas relações na/com a região Norte de Minas, como exposto por Pereira (2007, p. 133),

O processo de industrialização, viabilizado por incentivos da SUDENE, alterou a organização espacial de Montes Claros, contribuindo para o aumento populacional, a expansão da malha urbana e o surgimento de problemas sócio-ambientais, típicos das grandes cidades, como a violência, a falta de infra-estrutura e de serviços urbanos, o desemprego, a favelização, a degradação ambiental, dentre outros.

Concomitante a implantação da SUDENE as idéias da Revolução Verde adentravam no espaço Norte Mineiro gerando a ruptura do tradicionalismo no meio rural pela expansão capitalista no campo, contribuindo para o intenso processo de migração campo-cidade, para acentuar a concentração de terras, para as desigualdades socioeconômicas e o desemprego. Tal fato pode ser confirmado através das palavras de Dayrell (2000, p.191) ao analisar o avanço capitalista

no cerrado do Norte de Minas,

A ocupação recente dos cerrados, provocada pela expansão das relações capitalistas no campo, visto como a última fronteira agrícola pelas elites brasileiras, vem colocando em xeque a sustentabilidade deste bioma e provocando um processo de miserabilidade de suas populações, acentuando os desníveis sócio-econômicos, a concentração de terras, associados com a degradação dos seus recursos naturais: solo, água, flora e fauna.

Como reflexo desta expansão do sistema capitalista nas áreas rurais, grande parte dos migrantes não se inseriram no mercado de trabalho das áreas urbanas, aumentando, assim, o número de desempregados, pobres e de segregados socioespaciais. Assim, a fim de minimizar tais problemas, inúmeras atividades vinculadas às práticas rurais passaram a ser desenvolvidas pelos migrados, na cidade, como forma de obtenção de renda, emprego, sustentabilidade familiar e de perpetuação cultural, que traduzem claramente a relação rural-urbano existente na cidade de Montes Claros. Neste sentido, Paula (2005) descreve acerca da construção da ruralização presente nas cidades contemporâneas como alternativa para minimizar os problemas da vida urbana, salientando que:

[...] é necessário sublinhar que não se trata de pensar na existência de um processo hegemônico e sistemático de ruralização do urbano. Ao invés disso, o que está na mira são alguns cenários da vida da cidade em que a natureza e a agricultura são convocadas não apenas para a consecução de atividades urbanas, mas, sobretudo, para o equacionamento de soluções para as questões e dilemas advindos da própria vida urbana (PAULA, 2005, p. 244)

Assim, a agricultura, apontada pela autora, na prática urbana, integra um dos expoentes do continuum rural-urbano percebido na cidade de Montes Claros. A Agricultura Urbana encontra-se, na cidade, como as experiências já consolidadas em outras cidades, buscando a melhoria da qualidade de vida, inclusão social, e fonte de renda e emprego.

A AU em Montes Claros desenvolve-se em áreas de médio e pequeno porte, onde o fator subsistência prevalece como alguns exemplos das hortas familiares da Vila Antônio Narciso, na região Noroeste da cidade, em escolas e creches visando à segurança alimentar e a educação ambiental. Segundo informações da Secretária de Agricultura, o projeto de Agricultura Urbana em Montes Claros vem gradativamente ampliando seus trabalhos, bem como a área de cultivo, sendo destacado o projeto desenvolvido no bairro Renascença, na região Norte da cidade. Outra manifestação da Agricultura Urbana na cidade de Montes Claros se dá através da criação de animais de pequeno, médio e grande porte, destinados a produção para subsistência familiar, onde a produção excedente é comercializada. Desta forma é perceptível a criação de galinhas,

cabras, porcos, vacas e cavalos. Estes últimos se devem ao grande número de carroceiros da cidade. Segundo dados da Secretária de Serviços Públicos, em 2011, os carroceiros da cidade foram cadastrados e eles criam os eqüinos para utilizá-los como força de trabalho.



**Foto 01:** Cabras pastando em meio ao lixo em terreno baldio, bairro Delfino, região Leste da cidade. **Autor:** OLIVEIRA, I. M. de, Fev., 2011.



**Foto 02:** Cavalos pastando na Praça dos Jatobás, Montes Claros-MG. **Autor:** OLIVEIRA, I. M. de, Fev., 2011.

Foi efetivamente após a inserção da cidade na área de abrangência da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE é que houve as grandes transformações nas bases estruturais, sociais e econômicas da cidade. Para Leite e Pereira (2008), Montes Claros foi, entre todas as cidades mineiras pertencentes à jurisdição da SUDENE, a que mais recebeu investimentos, tendo em vista sua localização enquanto pólo regional, bem como sua boa infraestrutura. Assim, Carvalho (1983, p. 03, *apud* LEITE; PEREIRA, 2008, p. 48), ao analisar a industrialização da cidade, afirma que a “cidade sem nenhuma tradição [...] se viu escolhida para sede de uma área industrial, na qual convivem indústrias de vários tipos, o que veio provocar profundas alterações na estrutura econômica, social e urbana da cidade”.

Concomitante aos investimentos inseridos na cidade, o rural do Norte de Minas Gerais passava por transformações significativas que refletiram diretamente no contexto urbano. Na década de 1960 apregoavam-se as ideologias do “milagre brasileiro” que visava o crescimento econômico do país. Assim o Norte de Minas apresentou-se como um ambiente propício à propagação destas ideologias, através do avanço agropecuário e da monocultura, sobretudo de eucalipto e *pinus* e da Revolução Verde. A partir da busca do dinamismo agrícola o campo passou por uma (re)estruturação, onde os maiores atingidos foram a própria população, que se viram, em muitos casos, obrigados a migrarem, tendo os seus hábitos, costumes e valores alterados, assim

como a forma de uso e ocupação do espaço, visto que, com a Revolução Verde, o campo foi altamente mecanizado, gerando uma população excluída territorial e socialmente.

A migração campo-cidade precisa ser entendida como forma de exclusão dos pobres que não encontram possibilidades de sobrevivência no lugar de origem e também não encontram oportunidades no lugar de destino. O lugar de destino quase sempre é provisório, pois os migrantes são “incentivados” e “empurrados” a continuar no trecho, sem saber para onde estão indo (PAULA, 2003, p. 36).

Carneiro (2003, p.101-102), ao analisar as transformações de caráter desenvolvimentista no Norte de Minas Gerais após os anos de 1960, ressalta que:

[...] a política da SUDENE associada à política de modernização agrícola e reflorestamento, adotada pelas autoridades governamentais, bem como o Estatuto da Terra, contribuíram para uma profunda alteração do processo de desenvolvimento econômico regional. Ao mesmo tempo, reafirmaram algumas características históricas, tais como: concentração de renda, concentração fundiária e de origem e/ou agravamento de problemas sociais, econômicos e ambientais relevantes.

A referida autora afirma, ainda, que as transformações acarretadas pela modernização do sertão norte-mineiro, refletiu diretamente na organização da produção e dos grupos sociais deixando marcas claramente perceptíveis como o desaparecimento da vegetação nativa, o aparecimento de grandes áreas de monocultura que alteraram as relações sociais da posse da terra, bem como um estreitamento cada vez maior na relação campo-cidade.

Os problemas econômicos e sociais gerados pelas transformações no campo influenciaram no grande fluxo migratório ocorrido, na região, em direção a Montes Claros, após a década de 1960, aliados ao processo de industrialização, que se tornou um atrativo a mais para a cidade. Desta maneira, os grupos migrantes encontraram na cidade de Montes Claros a perspectiva de mudança e de inclusão na sociedade, tendo em vista a possibilidade de conseguir emprego e a melhoria das condições de vida. Diante disso, ocorre um gradativo crescimento populacional em Montes Claros, caracterizado pela grande massa de trabalhadores oriundos de várias cidades e do meio rural do Norte de Minas. Este processo é analisado por Pereira (2007, p. 136), ao afirmar que “o processo de industrialização viabilizado por incentivos da SUDENE, alterou a organização espacial de Montes Claros, contribuindo para o aumento populacional, a expansão da malha urbana”.

O grande crescimento populacional e a rápida expansão da malha urbana geraram inúmeros problemas urbanos, entre eles podem-se destacar o desemprego e aumento da pobreza, visto que parte dos migrantes não foi inserido no mercado de trabalho; a favelização, uma vez que grande quantidade de migrantes não tiveram condições de adquirir uma moradia, nem mesmo

---

de pagar aluguel (LEITE; PEREIRA, 2008).

Todos estes problemas giram em torno das questões socioeconômicas. Assim, cabe ressaltar que a economia urbana expressa através, sobretudo, do valor do solo urbano forçou a grande número de migrantes a habitarem as áreas periféricas da cidade, tendo em vista que nestas áreas o valor do solo é mais barato. Assim, “o surgimento de vários loteamentos com pouca infra-estrutura, na maioria clandestinos ou irregulares, e de invasões de terrenos tornam o processo de periferização crescente”, na cidade de Montes Claros, conforme Leite e Pereira (2008, p. 154).

Neste sentido, Corrêa (2005, p. 29-30), ao discutir acerca do processo de formação do espaço urbano, analisa a periferia atribuindo sua formação aos “grupos sociais excluídos”, onde,

[...] parcela enorme da população não tem acesso, quer dizer, não possui renda para pagar o aluguel de uma habitação decente e, muito menos, comprar um imóvel. Este é um dos mais significativos sintomas de exclusão que, no entanto, não ocorre isoladamente: correlatos e ela estão a subnutrição, as doenças, o baixo nível de escolaridade, o desemprego e mesmo o emprego mal-remunerado. Os grupos sociais excluídos têm como possibilidades de moradia [...] a casa produzida de autoconstrução em loteamentos periféricos, os conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado, via de regra, também distantes do centro. (Grifo nosso)

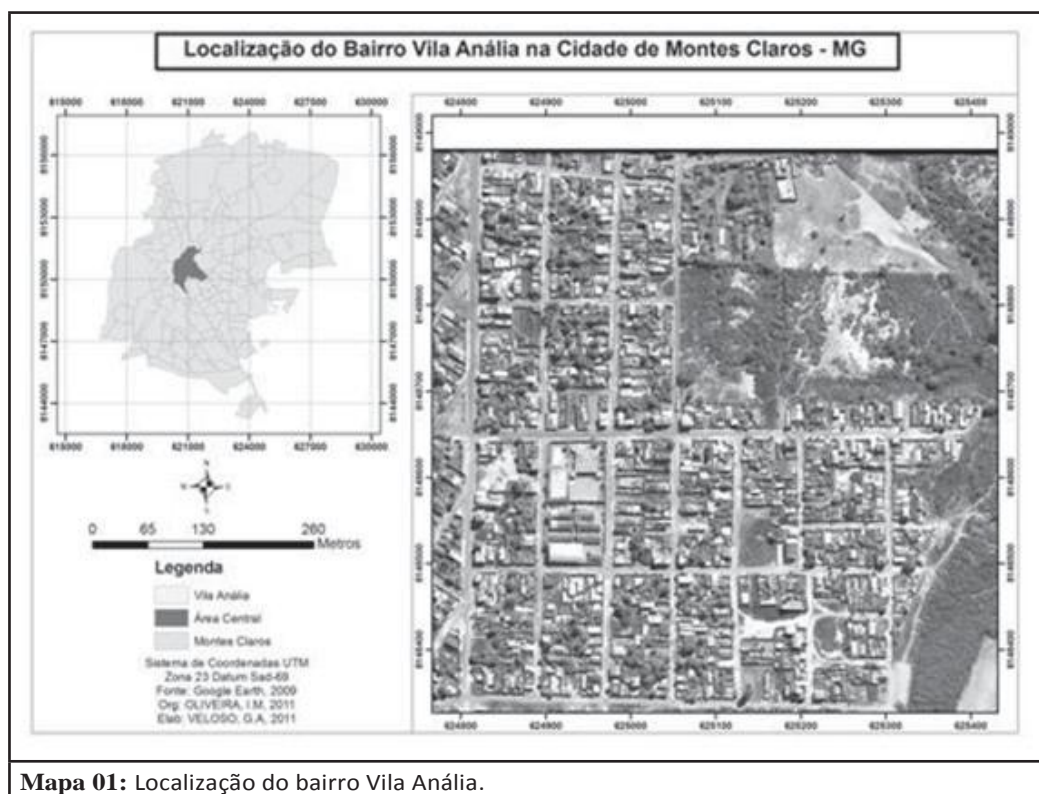
É associado a este contexto que surgiu o bairro Vila Anália, na cidade de Montes Claros, onde mora uma população, em sua maioria, migrada de outras pequenas cidades e do meio rural do Norte de Minas.

### **Agricultura urbana no bairro Vila Anália**

O bairro Vila Anália está localizado na região Sudeste da cidade de Montes Claros. Devido a sua recente ocupação com migrantes, iniciada na década de 1980, o bairro apresenta fortes traços que remetem às características do rural. A ligação com o rural existente no bairro se dá devido a alguns fatores primordiais, a origem de seus moradores, em grande maioria oriunda do campo e de outras pequenas cidades do Norte de Minas, e sua localização na periferia urbana de Montes Claros, tendo sua parte Leste em contato com área ainda não loteada, sofrendo fortes influências das áreas rurais.

No que concerne à estrutura física o bairro, encontra-se casas simples de pequenas dimensões (a grande maioria inacabada), a maioria das ruas asfaltadas, rede de luz e de água, uma escola de ensino fundamental e uma unidade do Programa Saúde da Família – PSF, sendo constituído

por população de baixa renda (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2010).



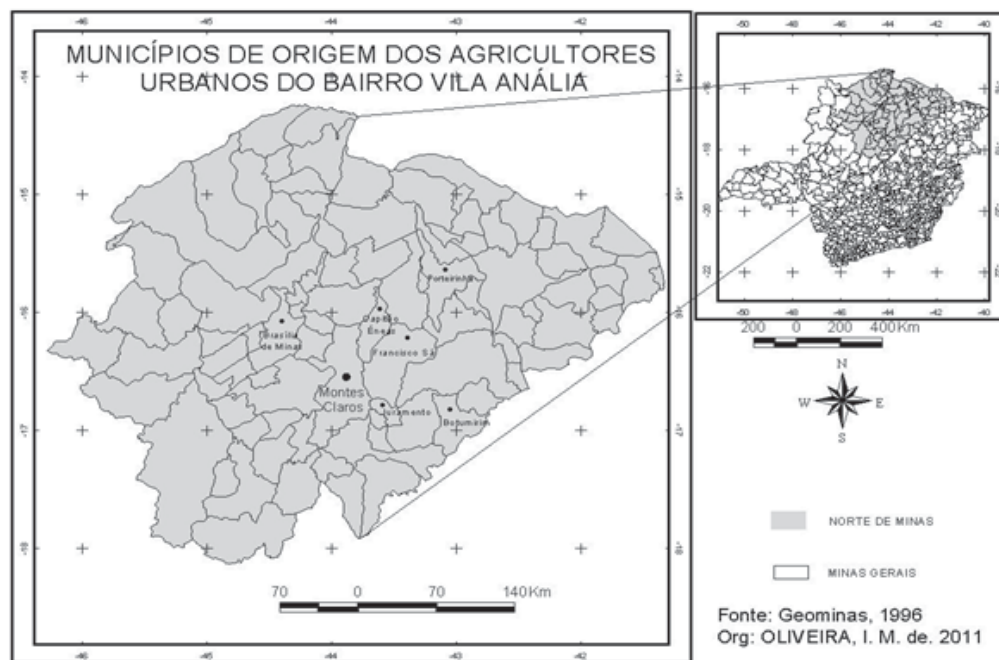
**Mapa 01:** Localização do bairro Vila Anália.

As características rurais encontradas no bairro se deram devido à chegada dos migrantes e a sua fixação na cidade, iniciando o processo de (re)criação do espaço e das formas de vida oriundas do campo (rural) praticadas no cotidiano do bairro. Neste sentido, segundo Moreira (2005), a cidade em meio ao crescimento e desenvolvimento da globalização torna-se espaço de materialização do *continuum* rural-urbano, manifestados através da alimentação, das vestimentas, na relação com a terra e natureza, nas relações/manifestações culturais, sociais e econômicas.

Devido sua recente ocupação, o bairro ainda apresenta uma considerável quantidade de áreas desocupadas (muitas delas são utilizadas como áreas de depósito de lixo, o que favorece o aparecimento de roedores e animais peçonhentos). Contudo, o bairro está passando gradativamente por intenso processo de ocupação o que vem reduzindo as áreas vagas.

A partir do trabalho de campo foi possível conhecer o perfil socioeconômico dos Agricultores Urbanos do bairro. No total foram entrevistadas 30 agricultores que utilizam espaços ociosos do

bairro Vila Anália para o desenvolvimento da prática da agricultura urbana. Verificou-se que a AU desenvolvida por estes 30 agricultores abrange diretamente 122 pessoas, cujo total foi obtido através da somatória dos membros das famílias dos entrevistados. A expressiva quantidade de práticas agrícolas encontradas no bairro é justificada pelo seu processo de formação/ocupação, que acompanhou os ritmos de crescimento da cidade, pelos agricultores urbanos, que se deu a partir do processo de migração em diferentes escalas, uma vez que a maior parte da população do bairro Vila Anália é de origem rural, sendo que 30% são originários da zona rural do município de Montes Claros e 17% da zona rural de outros municípios, destacando os migrantes dos municípios de Juramento, Francisco Sá, Capitão Enéas, Botumirim e Brasília de Minas. Cabe ressaltar, também, que 20% dos entrevistados migraram de outras cidades como Francisco Sá, Porteirinha, Juramento (cidade muito citada pelos agricultores, devido ao fato da localização do bairro próximo à MG que dá acesso a este município). A espacialização da origem dos agricultores urbanos do bairro está representada no Mapa 02.



**Mapa 02:** Municípios de origem dos agricultores urbanos do bairro Vila Anália

O que mais chamou a atenção, na análise da origem dos agricultores, foi um caso de migração interestadual, São Paulo - Minas Gerais, este agricultor afirmou ter migrado para a cidade na década de 1980 em busca de emprego. Embora não estivesse explícito no questionário, os agricultores urbanos deixaram muito claro que foi a busca por emprego o principal fator

da migração, tendo em vista que *“Montes Claros sempre foi uma cidade mais atrativa, com maiores chances de emprego”*.

Desta forma, no que diz respeito ao gênero dos agricultores urbanos do Vila Anália, verificou-se que 36,7% dos entrevistados são do gênero masculino, enquanto 63,3% são do gênero feminino. A maior porcentagem do gênero feminino se dá devido aos maiores índices de desemprego entre as mulheres, relacionados a alguns fatores, entre eles, a necessidade de cuidarem dos filhos e grande quantidade de mulheres já aposentadas. No caso dos homens, destaca, sobretudo, a participação, neste percentual, dos carroceiros, classificados como agricultores devido à criação de cavalos (e suas variantes, relacionadas aos serviços prestados para os moradores do bairro e do entorno).

No que concerne à escolaridade dos agricultores, destacou-se os analfabetos, ensino fundamental completo e aqueles que não concluíram o ensino fundamental, representando 30%, 20% e 30% respectivamente. Entretanto, registrou-se uma agricultora que possui curso superior, para esta a agricultura funciona como uma forma de manter a cultura rural. O nível escolaridade dos agricultores reflete diretamente na renda média familiar, tendo em vista que 33,3% dos entrevistados declararam ter renda de até um salário mínimo, 40% afirmaram que seus rendimentos chegam a dois salários, apenas 3% recebem até três salários e 23,7 não quiseram responder esta questão. Percebe-se que a situação socioeconômica dos moradores é estável, sendo que um dos fatores é que todos residem em casa própria.

Para o agricultor, a prática cotidiana de lidar com a terra, plantar novas mudas e esperar o tempo de colheita requer ligação emocional de afetividade com o lugar de moradia. Neste sentido, Carlos (2007, p.17) diz que o lugar *“instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões”*. A autora salienta, ainda, que o lugar é à base de reprodução da vida. Diante disto, percebe-se que a espacialização da AU no bairro Vila Anália se dá, também, pela relação de pertencimento, bem como de ligação com a casa, com o bairro e entre os moradores fixados no mesmo (o que não ocorre nos casos dos moradores de aluguel, tendo em vista a perspectiva do tempo de permanência no local).

Assim, a Agricultura Urbana é desenvolvida em toda a extensão geográfica do bairro, em diferentes tipologias, tais como: a Média Agricultura Urbana, sendo considerada como toda prática desenvolvida em lotes vagos, ou seja, aquelas que não são produzidas em casa; a Micro Agricultura Urbana, em que a produção requer um espaço reduzido, sendo praticada nos próprios quintais. Esta última tipologia é desenvolvida há mais tempo que as de maiores dimensões. O Gráfico, a seguir, apresenta a área média destinada à produção da AU no bairro,



demonstrando que apesar das atividades consideradas como média agricultura urbana serem mais recentes, representam as maiores porcentagens, com um total de 53%, em áreas entre 5 a mais de 10m<sup>2</sup>.



**Gráfico:** Área média destinada à produção da AU no bairro Vila Anália.

**Fonte:** Pesquisa de campo – Abril/2011.

**Org:** OLIVEIRA, I. M. de., 2011

Ao perguntar aos agricultores a respeito de há quanto tempo desenvolvem a produção no bairro, 66,7% afirmaram que praticam a AU a mais de cinco anos, entretanto, quase todos se envaidecem ao dizer que a pratica desde crianças. Do total dos entrevistados, 16,7% dizem desenvolver a atividade de dois a cinco anos; 10% praticam entre um e dois anos; e apenas 6,6 % desenvolvem a AU há um ano. No que se refere à variedade de produtos da Agricultura Urbana no bairro Vila Anália, verifica-se que se encontram distribuídos em cinco grupos: ervas medicinais, hortaliças, grãos, sementes e raízes, frutas e animais, conforme especificados no Quadro a seguir.

<b>Ervas Medicinais</b>	<b>Hortaliças</b>	<b>Grãos, Sementes e Raízes</b>	<b>Frutas</b>	<b>Animais</b>
Capim Santo Erva Cidreira	Cebolinha Coentro	Milho Feijão	Manga Goiaba	Cavalo Galinha

Água da Colônia	Salsa	Mandioca	Acerola	Porco
Hortelã	Couve	Urucum	Banana	
Babosa		Feijão Andu	Limão	
“Transagem”			Laranja	
Quebra-Pedra			Graviola	
Sete dores			Mamão	
			Cana	
			Pinha	

**QUADRO:** Produtos da Agricultura Urbana no bairro Vila Anália.

**Fonte:** Pesquisa de campo – Abril/2011. **Org:** OLIVEIRA, I. M. de., 2011

A partir da diversidade de produtos da AU, pode-se fazer um paralelo entre esses e o tamanho das áreas descritas anteriormente. As áreas destinadas à produção de ervas medicinais e de hortaliças foram as menores áreas encontradas, chegando até 5m<sup>2</sup>. Nestes tipos de produção percebe-se a capacidade dos moradores em utilizar intensamente pequenas áreas do quintal de suas residências. Nestas áreas, a presença de baldes, bacias, latas, pneus velhos utilizados para o plantio é muito marcante. A produção de ervas medicinais está relacionada à questão cultural embutida, principalmente, na medicina popular, neste caso a utilização dos chás é recorrente. Para os agricultores a “farmacinha” natural, no quintal, é uma garantia caso algum parente ou vizinho adoça. A fala de uma senhora foi muito marcante, segundo ela o quintal cheio de remédios é garantia de saúde, não para ela, mas para os filhos e para os netos. Segundo esta agricultora o cultivo de quebra-pedra é “*um santo remédio para os rins*”.

No que diz respeito à produção de hortaliças, também se liga à questão cultural, devido às influências trazidas do campo, bem como a preocupação com a melhoria da alimentação. Um fato muito importante, percebido durante as entrevistas de campo, foi que o cultivo de ervas medicinais e de hortaliças é uma prática exercida pelas mulheres, salvo uma única exceção



**Fotos 03 e 04:** Canteiro de hortaliças e plantas medicinais em fundo de quintal.

**Autor:** OLIVEIRA, I. M. de, Dez/2010

A produção de grãos, sementes e raízes, bem como a criação de animais foram classificadas como de médio porte, abrangendo áreas superiores a 5 m<sup>2</sup>, sendo desenvolvidas em lotes vagos. Para a população do bairro, bem como para os produtores, esta atividade é um valioso ganho, pois diminuiu consideravelmente o número de áreas utilizadas para o acúmulo de lixo e a proliferação de roedores, animais peçonhentos e foco do mosquito da dengue, além da produção de alimentos e de renda. Neste tipo de produção o tempo de utilização da área é diferente das anteriores. O cultivo de milho e do feijão deve seguir o regime das chuvas na cidade. O cultivo destes dois grãos, no bairro, estende-se dos meses de outubro a março, cuja produção é voltada para o consumo próprio ou para a alimentação de animais.



**Fotos 05 e 06:** Plantação de Milho em lote vago

**Autor:** OLIVEIRA, I. M. de, Março/2011

O cultivo de mandioca é uma prática mais demorada, requer um tempo de espera maior. Como alternativa para maior aproveitamento da área os agricultores costumam associar alguns tipos de cultivos. Desta forma, encontraram-se duas áreas onde, em uma delas intercalou-se a plantação de mandioca com feijão de corda, e na segunda foi mandioca, cana e árvores frutíferas.



**Foto 07:** Plantação de Mandioca e Feijão de Corda em lote vago.

**Autor:** OLIVEIRA, I. M. de, Jan/2011



**Foto08:** Plantação diversificada em lote vago

**Autor:** OLIVEIRA, I. M. de, Maio/2011

Por fim, a última tipologia diz respeito à criação animais. Esta tipologia pode ser dividida em animais de pequeno porte, neste caso a criação de galinhas, e de grande e médio porte, enquadrando equinos e porcos. A criação de galinhas é muito semelhante à produção de hortaliças, uma vez que estas atividades são bastante comuns no bairro. Foram encontradas pequenas áreas destinadas a esta produção. Verificou-se que 36,7% dos agricultores entrevistados possuem criação de galinhas.

Um fato deve ser ressaltado, em alguns casos os

agricultores comentaram a necessidade de acabar com a criação. Segundo eles, a criação está gerando muito prejuízo, embora, na maioria das vezes, seja fácil alimentar os animais, com restos de comida, na maioria das vezes a alimentação é à base de milho e/ou ração, assim se gasta muito e se ganha pouco. Segundo a fala de duas agricultoras as galinhas servem de complemento alimentar, pois os ovos e os frangos são utilizados para a alimentação da família. Uma agricultora possui um pequeno “sacolão” onde, a mesma, comercializa um pequeno excedente da produção de ovos.

---

A criação de cavalos, no bairro, também ocorre nos lotes vagos. Uma singularidade foi que todos os casos encontrados estão localizados na periferia do bairro exatamente nas últimas ruas. Em um dos casos construiu-se uma espécie de “mangueiro”, um estábulo, onde três criadores deixam os cavalos. Em outro caso, junto com a criação dos cavalos há um chiqueiro com a criação de porcos, os quais são destinados para a comercialização e para consumo próprio, principalmente no natal. Dos agricultores entrevistados, 16,7% criam animais de grande porte. Sobre a criação de animais de grande porte pode-se concluir que:

- 100% dos criadores são do sexo masculino.
- 100% destes são carroceiros.
- Apenas 3,3% dos criadores, representando um único agricultor, possui outra ocupação econômica, ou seja, a venda de lenhas e a realização de pequenos fretes.
- Alguns agricultores utilizam os animais como meio de transporte, pois têm ligação com o meio rural.



**Foto 09:** Criação de cavalos em lote vago.

**Autor:** OLIVEIRA, I. M. de, Agosto/2010



**Foto 10:** Criação de Galinhas

**Autor:** OLIVEIRA, I. M. de, Abril/2011

A realização das visitas a campo permitiu a elaboração do Mapa 03, identificando as áreas de agricultura de médio porte.



**Mapa 03:** Localização das áreas destinadas à prática da Agricultura Urbana de médio porte.

Percebe-se, através da análise do Mapa 03, que a espacialização da AU de médio porte concentra-se na porção central e sudeste do bairro. Este fato é explicado levando em consideração o processo de ocupação do bairro. As áreas central e sudeste são as de ocupação mais antigas e ainda possuem uma expressiva quantidade de áreas vagas, principalmente a sudeste, uma vez que a área central está passando por um intenso processo de ocupação e a tendência é o desaparecimento dos lotes vagos. O cultivo de árvores frutíferas é encontrado em 100% das residências visitadas. Para os agricultores, o cultivo de frutas favorece a acessibilidade a elas, fortalecendo a alimentação familiar, devido à falta ou pequena renda dos agricultores. É comum a produção de goiaba, mamão, manga, acerola, laranja, entre outras, nos quintais das casas. Para os agricultores, com o plantio das árvores frutíferas e/ou ornamentais suas casas ficam mais bonitas, além de criarem um ambiente mais agradável, visto as altas temperaturas na cidade.

Diante este estudo percebe-se que o cotidiano dos moradores do bairro Vila Anália está inserido em um *continuum* rural-urbano. A Agricultura Urbana é uma prática de ocupação permanente, tendo em vista que a grande maioria dos agricultores realiza as atividades diariamente. A questão da quantidade de dias destinados a AU está diretamente ligada ao tempo diário de

---

envolvimento na sua prática. Dos agricultores, 83% trabalham diariamente na produção, contudo o tempo destinado é de até uma hora por dia. 7% afirmaram trabalhar na AU nos feriados e 3% da população destinam alguns dias da semana para o trabalho, especialmente os finais de semana. Estes dois grupos destinam de duas a quatro horas do dia ao trabalho. Estes agricultores urbanos explicaram que a irregularidade nos dias se dá devido ao tipo de cultivo, que geralmente não há necessidade de um cuidado tão intensivo. Os dias de trabalho, geralmente são destinados à poda ou para limpa do terreno.

Um fato interessante é o caso dos carroceiros (estes estão inseridos no grupo que trabalham diariamente) que, segundo eles, o cuidado, bem como a alimentação dos animais é feito diariamente. Contudo, a utilização dos animais como força de trabalho é feita de segunda a sábado, pois o domingo é o dia do descanso. Por fim, foi perguntado aos agricultores sobre a destinação dos produtos oriundos da AU. Eles apontaram diferentes destinações:

- Consumo próprio.
- Doação para parentes (filhos, netos).
- Doação para os vizinhos, principalmente no que concerne às ervas medicinais. Esta destinação demonstra, muitas vezes, as relações de vizinhança e de compadrio existente entre os moradores.
- Comercialização em pequenas escalas. Neste caso, há a inexistência da venda de hortaliças e frutas, o que pode ser percebido foi a comercialização de lenhas, ovos e de carne de porco (somente no Natal).
- Alimentação dos animais, esta destinação foi apontada por um agricultor. Segundo ele, parte da sua pequena produção de milho é para alimentar os animais.

Na perspectiva da continuidade da prática da AU encontra-se um embate, principalmente no que se refere a utilização da água, uma vez que todos os agricultores na tipologia “micro agricultura” utilizam a água da Copasa. Embora o tamanho das áreas sejam pequenos, há um gasto que traduz no aumento da tarifa relativa à utilização da água. Neste contexto, a fala de uma agricultora é bastante significativa pois, segundo ela, há alguns anos atrás ela tinha vários canteiros de hortaliças em seu quintal, mas devido ao aumento da conta de água preferiu acabar com a horta. Outra questão de suma relevância, refere-se ao atual processo de ocupação pelo qual o bairro está passando. Várias áreas que antes foram apontadas como agricultadas, atualmente estão ocupadas por residências.

### **Considerações finais**

Embora a cidade de Montes Claros apresenta-se, hoje, como a mais dinâmica da região Norte

de Minas, sua formação/ocupação esteve e ainda se mantém muito ligada às características da cultura de origem rural. O dinamismo econômico e industrial instalado na cidade, nas últimas décadas, proporcionou mudanças significativas em sua estrutura socioeconômica e espacial, uma vez que a tornou um lugar atrativo à migração campo-cidade, haja vista a esperança dos migrantes de se inserir no mercado de trabalho e na melhoria da qualidade de vida. O papel dos migrados foi de notória relevância para o crescimento da cidade, através da expansão dos bairros periféricos. Contudo, aumentou-se também o número de desempregados, bem como dos pobres urbanos.

Diante disto, como forma de minimizar estes problemas, grande parte da população migrada encontrou na Agricultura Urbana uma alternativa para seus problemas econômicos e sociais. Além da geração de renda e fonte de alimentação a Agricultura Urbana (re)cria, na cidade, paisagens que remontam à cultura de origem rural, estreitando os laços entre o campo e a cidade, o que pode ser interpretado como uma forma de resistência e de manutenção da identidade dos agricultores urbanos.

Partindo desta premissa, adotou-se, neste trabalho, a teoria do *continuum* rural-urbano para compreender as relações existentes entre o espaço urbano e a cultura do rural no cotidiano dos moradores do bairro Vila Anália, na cidade de Montes Claros. O bairro Vila Anália é um exemplo da integração do rural e do urbano na perspectiva do *continuum*, materializada através da prática da Agricultura Urbana. A prática da AU desenvolvida no bairro se enquadra como uma prática multifuncional, ou seja, fornecedora de alimentos e de ervas medicinais, contribuindo para a segurança alimentar e nutricionais e para a saúde dos consumidores; geradora de emprego e renda; mantenedora da cultura e da identidade dos migrados do meio rural; dentre outras funções.

Ficou clara, através da realização do trabalho, a capacidade que os moradores tiveram em moldar a prática da agricultura urbana à organização espacial do bairro, cultivando e criando animais em lotes vagos, nos quintais das casas, em baldes, bacias, pneus velhos, dentre outros recipientes. Com exceção dos carroceiros, os demais agricultores urbanos do bairro possuem outras ocupações, o que leva a concluir que a AU é desenvolvida como atividade econômica complementar. Entretanto, não se constatou uma expressiva comercialização dos produtos, uma vez que as áreas de cultivos são pequenas e a produção é, predominantemente, para o consumo próprio, o que levou a classificá-las como micro agricultura urbana.

As relações sociais desenvolvidas a partir da AU são bem significativas, uma vez que a destinação dos produtos é para o consumo próprio e pequenas doações, principalmente das ervas medicinais, as quais exprimem a prática da medicina popular, especialmente através do



---

consumo de chás. As relações sociais desenvolvidas no bairro traduzem os valores, hábitos, tradições e crenças mantidas no cotidiano dos moradores do bairro Vila Anália. Através da AU esses valores e hábitos são passados de pais para filhos, o que resulta nas suas preservações.

## Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Texto para discussão n. 702. IPEA, jan. 2000.

AQUINO, Adriana Maria de.; ASSIS, Renato Linhares de. **Agricultura Orgânica em áreas Urbanas e Periurbanas com base na Agroecologia**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asocv10n1v10n1a09.pdf>>, acessado em 27 de junho de 2009.

ARRUDA, Juliana. Agricultura urbana e peri-urbana em Campinas/SP: *análise do Programa de Hortas Comunitárias como subsídio para políticas públicas*. 162 f. 2006. **Dissertação** (Mestrado em Engenharia Agrícola) - Faculdade de Engenharia Agrícola, Unicamp/Campinas. Campinas, 2006.

BOUKHARAEVA, Louiza Mansourovna et al.. **Agricultura urbana como um componente do desenvolvimento humano sustentável: Brasil, França e Rússia**. Cadernos de Ciência & Tecnologia.v.2. Brasília: maio/ago, 2005. p. 413-425

BRASIL. **Principais ações implementadas pelo Programa Fome Zero**. São Paulo, Expo Fome Zero, 2004.

BRASIL - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional Departamento de Promoção de Sistemas Descentralizados Coordenação Geral de Apoio a Agricultura Urbana. **MANUAL TÉCNICO PARA ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA**. Brasília, 2008.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa; CORRÊA, Walquíria Kruger. Ruralidades, Urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo. **Campo-Território**: revista de Geografia Agrária, Disponível em: <<http://www.campoterriorio.ig.ufu.br>>, acesso em 14 de Março de 2010. v.3, n 5, p.214-242, Fev. 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CARNEIRO, Marina de Fátima Brandão. Região Norte de Minas: Caracterização Geográfica e a Organização Espacial – Breves Considerações. **Revista Cerrados**. v. 1, n. 1. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2003. P. 91-106.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**.11, out. 1998. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/esa/art/199810-053-075.pdf>. acessado em: 21 de janeiro de 2010.

COMITÊ DE AGRICULTURA – COAG/FAO. **La Agricultura Urbana y Periurbana**. Roma: COAG/FAO, 1999. Disponível em: <<http://www.fao.org/unfao/bodies/coag/coag15/x0076s.htm>>. Acesso em: 28 Abr. 2009.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**, 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

DAYRELL, Carlos Alberto. Os Geraizeiros descem a serra ou a agricultura de quem não aparece nos relatórios dos agrobusiness. *In*: DAYRELL, Carlos Alberto. LUZ, Cláudia (Orgs). **Cerrado e Desenvolvimento: Tradição e Atualidade**. Montes Claros: CAA, 2000.

DRESCHER, A. W; JACOBI, Petra e AMEND, Joerg. Segurança Alimentar Urbana: Agricultura urbana, uma resposta à crise? **Revista de Agricultura Urbana**. Vol. 1. julho de 2000. Disponível em: <<http://www.ipes.org.br>> acessado em 04 de Mar. De 2009.

LEITE, Marcos Esdras e PEREIRA, Anete Marília. **Metamorfose do espaço intra-urbano de Montes Claros/MG**. Montes Claros: Unimontes, 2008.

MACHADO, A. T.; MACHADO, C. T. de T. **Agricultura urbana**.- Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2002. 25 p.- (Documentos /Embrapa Cerrados, ISSN 1517-5111; 48).

MOREIRA, Roberto José. Ruralidades e Globalização: ensaiando uma interpretação. *In*: MOREIRA, Roberto José (Org) **Identidades Sociais: Ruralidade no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 15-40.

MOUGEOT, Luc J.A. Agricultura Urbana - conceito e definição. **Revista de Agricultura Urbana**. Vol. 1. julho de 2000. disponível em: <<http://www.ipes.org.br>> acesso em 04 de Mar. 2009.

OLIVEIRA, Igor Martins de; CARNEIRO, Marina de Fátima Brandão. Relação rural/urbano: *a espacialidade da agricultura urbana no bairro Vila Anália, na cidade de Montes Claros*. *In*: I COLOQUIO CIDADE E REGIÃO: **DINÂMICAS DOS ESPAÇOS URBANOS E RURAIS**. 2010, Montes Claros. **Anais...** Montes Claros: Unimontes, ON LINE.

PAULA, Silvana G. de. Natureza, ruralidade e experiência urbana. *In*: MOREIRA, Roberto José (Org) **Identidades Sociais: Ruralidade no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.237-254.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. Integração dos migrantes rurais no mercado de trabalho em Montes Claros, Norte de Minas Gerais: *“A Esperança de Melhoria de Vida”*. 151f. 2003. **Dissertação** (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Uberlândia, 2003.

PEREIRA, Anete Marília. Cidade Média e Região: O Significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. 2007. 351f. **Tese** (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

ROSA, Lucelina Rosseti; FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. As categorias rural, urbano,

---

campo, cidade: a perspectiva de um *continuum*. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon.(org) **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p.187-204.

RUA, João. Urbanidades no Rural: o devir de novas territorialidades. **Campo-Território**: revista de Geografia Agrária, v. 1, n. 1, p. 82-106, Fev. 2006. Disponível em: <<http://www.campoterriorio.ig.ufu.br>>, acesso em 14 de Março de 2010.

SANTANDREL, Alain; LOVO, Ivana Cristina. **Panorama da Agricultura Urbana e Periurbana no Brasil e Diretrizes Políticas para sua Promoção: Identificação e Caracterização de Iniciativas de AUP em Regiões Metropolitanas Brasileiras**. Disponível em: <[http://www.rede-mg.org.br/article\\_get.php?id=100](http://www.rede-mg.org.br/article_get.php?id=100)>. Acessado em: 07 Abr. 2009.

SANTOS, Maria do Socorro dos. A produção social do espaço: *do campo à cidade, da cidade ao campo*. **Revista de Humanidades**. v.1 - n.1 - ago./set. de 2000.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural**. En publicacion: ¿Una nueva ruralidad en América Latina?. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. ISBN: 950-9231-58-4  
Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>. acessado em 07 de outubro de 2009.

ZEEUW, Henk de.; GÜNDEL, Sabine; WAIBEL, Hermann. A Integração da Agricultura nas Políticas Urbanas. **Revista de Agricultura Urbana**. Vol. 1. julho de 2000. Disponível em:<<http://www.ipes.org.br>> acesso em 04 de Mar. 2009.

**Recebido para publicação em março de 2012**

**Aceito para publicação em junho de 2012**